



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

LUCIOLO PEREIRA DA COSTA

**MIGRAÇÃO E OPRESSÃO SOCIAL: UM ESTUDO
COMPARATIVO ENTRE VIDAS SECAS DE GRACILIANO
RAMOS E AS VINHAS DA IRA DE JOHN STEINBECK**

GUARABIRA - PB
2011

LUCIOLO PEREIRA DA COSTA

**MIGRAÇÃO E OPRESSÃO SOCIAL: UM ESTUDO
COMPARATIVO ENTRE VIDAS SECAS DE GRACILIANO
RAMOS E AS VINHAS DA IRA DE JOHN STEINBECK**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras e Educação, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Letras, à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.

Orientador: Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva.

GUARABIRA - PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

C837m

Costa, Lucilo Pereira da

Migração e opressão social: um estudo comparativo entre vidas secas de Graciliano Ramos e as vinhas da ira de John Steinbeck / Lucilo Pereira da Costa. – Guarabira: UEPB, 2011.

46f.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso - TCC) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva”.

1. Migração 2. Opressão Social
3. Seca I.Título.

22.ed. CDD 304.2

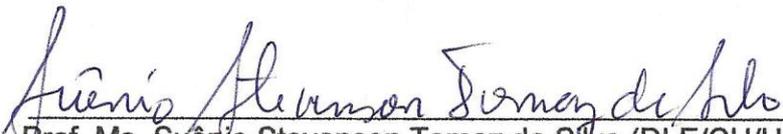
LUCIOLO PEREIRA DA COSTA

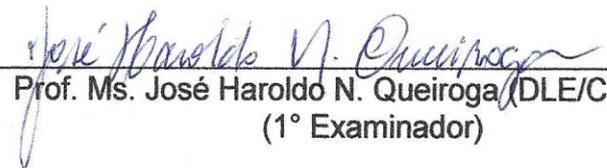
**MIGRAÇÃO E OPRESSÃO SOCIAL: UM ESTUDO COMPARATIVO
ENTRE VIDAS SECAS DE GRACILIANO RAMOS E AS VINHAS DA
IRA DE JOHN STEINBECK**

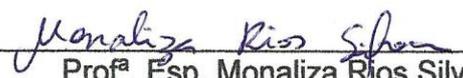
Monografia apresentada ao Departamento
de Letras e Educação, em cumprimento
aos requisitos para obtenção do grau de
Licenciado em Letras, à Universidade
Estadual da Paraíba – Campus III.

Aprovada em 14 de Junho de 2011

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva (DLE/CH/UEPB)
(Orientador)


Prof. Ms. José Haroldo N. Queiroga (DLE/CH/UEPB)
(1º Examinador)


Profª. Esp. Monaliza Rios Silva (DLE/CH/UEPB)
(2ª Examinadora)

GUARABIRA - PB
2011

A minha família, pelo apoio e compreensão, oferecidos de modo tão espontâneo durante a elaboração deste trabalho, bem como ao longo do curso de graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar a oportunidade de viver, permitindo assim meu crescimento físico e particularmente intelectual, visto que foi de grande valia para a produção deste trabalho.

Agradeço ao meu orientador, Suênio Stevenson Tomaz da Silva, por sua orientação pertinente.

Agradeço a minha namorada, Suely Cosmo de Almeida, que sempre me auxiliou quando precisei.

Agradeço a minha família, em especial, aos meus pais, José Pereira da Costa e Maria Eunice Ambrósio da Costa, por me darem apoio e incentivo sempre que necessitei. Agradeço, também, aos meus irmãos, Francisco Pereira da Costa e Maria Lenice da Costa, por sempre acreditarem em mim.

Agradeço a todos os amigos que contribuíram para o levantamento do material bibliográfico.

Aos amigos que fiz durante o curso, pela verdadeira amizade que construímos, em particular aqueles que estavam sempre ao meu lado durante esses quatro anos, meu especial agradecimento a todos. Sem vocês essa trajetória não seria tão prazerosa.

A todos os professores do curso de Letras, pela paciência, dedicação e ensinamentos disponibilizados nas aulas, cada um de forma especial contribuiu para minha formação profissional.

“A vontade de se tornar algo melhor a cada dia é o que faz do ser humano uma máquina de sonhar. Projetar idéias e desejos e lutar para transformar o que um dia foi um simples pensamento em uma situação real. Nunca desistir de algo que se deseja muito e que se almeja faz parte da vida. O ser humano sonha! Mas se ele apenas sonhasse nunca saberia do que é capaz, é preciso conquistar os sonhos.”

Jean Piaget

045 – Letras

Migração e Opressão Social: Um Estudo Comparativo entre *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e *As Vinhas da Ira* de John Steinbeck

Linha de Pesquisa: Literatura Comparada

Autor: Luciolo Pereira da Costa

Orientador: Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva (DLE/CH/UEPB)

Examinadores: Ms. José Haroldo N. Queiroga (DLE/CH/UEPB)

Esp. Monaliza Rios Silva (DLE/CH/UEPB)

RESUMO

O presente trabalho aborda o processo migratório sucedido nos romances *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos e *As Vinhas da Ira* (1939), do escritor norte-americano John Steinbeck. Tratando de uma análise bibliográfica, tomamos por base as experiências vividas pela família de Fabiano em *Vidas Secas* e pela família Joad em *As Vinhas da Ira*, haja vista que ambas se configuram em um ambiente rural marcado pela injustiça social. Esta pesquisa tem por objetivo analisar o panorama das representações da migração presente no contexto das referidas obras, em virtude do flagelo da seca, da depressão americana e da opressão social. Além disso, buscamos ao mesmo tempo, aproximações e ou contraposições no que concerne aos efeitos causados pelo movimento migratório na vida dos personagens. Tecemos ainda um breve comentário sobre o papel do romance regionalista na década de 30, empregado como um elemento de denúncia, no intuito de transparecer realidades e verdades que ainda não tinham se tornado públicas. Foi nesse contexto de crítica social que se situou a expressão literária na década de 30, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Para construção dessa monografia, utilizamos como aporte teórico, as discussões de Bradbury (1991), Bosi (2006), Albuquerque Júnior (2011), entre outros.

Palavras-chave: Migração. Seca. Depressão. Opressão Social.

045 – Letras

Migração e Opressão Social: Um Estudo Comparativo entre Vidas Secas de Graciliano Ramos e As Vinhas da Ira de John Steinbeck

Linha de Pesquisa: Literatura Comparada

Autor: Luciolo Pereira da Costa

Orientador: Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva (DLE/CH/UEPB)

Examinadores: Ms. José Haroldo N. Queiroga (DLE/CH/UEPB)

Esp. Monaliza Rios Silva (DLE/CH/UEPB)

ABSTRACT

This research study approaches the migratory process in the following novels, *Vidas Secas* (1938) and *The Grapes of Wrath* (1939) by Graciliano Ramos and John Steinbeck, respectively. It consists of a bibliographical analysis taking into account the experiences of Fabiano's family in *Vidas Secas* and Joad's family in *The Grapes of Wrath*. Both families represent the social injustice marks in the rural environment. This research also aims at analyzing the representation of migration in the context of both novels, with reference to the Brazilian northeast drought scourge, American depression and social oppression. Furthermore, we try to observe the similarities and contrasts concerning the effects caused by the migratory movement on the characters' lives. We still present a brief commentary on the 1930's regionalist novel role, as a way of denounce, in order to show the realities of that period. It was within this context of social criticism in which the thirties literary expression had its base in both Brazil and The United States. The theories by Bradbury (1991), Bosi (2006), Albuquerque Junior (2011), among others, have been utilized in the construction of this monograph.

Key words: Migration. Drought. Depression. Social Oppression.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE A MIGRAÇÃO	13
3 O REGIONALISMO NAS OBRAS DE GRACILIANO RAMOS E JOHN STEINBECK	18
3.1 O Romance de 30 no Brasil Modernista	18
3.2 A Literatura Norte-americana na Década de 30.....	20
3.3 Um Ponto de Encontro entre Literaturas	22
4 ASPECTOS MOTIVADORES DO FENÔMENO MIGRATÓRIO	24
4.1 A Seca como um Aspecto Motivador da Migração Nordestina	24
4.2 A Depressão de 1930 como Fator Desencadeador da Migração Americana.....	28
5 A OPRESSÃO SOCIAL NO MOVIMENTO MIGRATÓRIO EM VIDAS SECAS E AS VINHAS DA IRA	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade analisar, através de uma pesquisa bibliográfica, a opressão social no processo migratório dos romances *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e *As Vinhas da Ira* do escritor norte-americano John Steinbeck. Buscamos nessa análise aproximações e/ou contraposições referentes à opressão social e política durante o movimento migratório das personagens nas respectivas obras. O que torna mais atraente a análise desses romances é que tanto Graciliano Ramos quanto John Steinbeck abordam a temática da migração interna, que corresponde ao deslocamento de pessoas dentro de um contexto nacional. Sendo que, esse deslocamento não altera o número total de habitantes de um país, porém, altera as regiões envolvidas nesse processo.

A migração sempre foi um aspecto recorrente na história da humanidade e tem influência significativa na organização social de qualquer região. O significado do termo migração gira em torno do deslocamento de pessoas de um dado ponto fixo a outro, aventurando-se em busca de um interesse, movido sempre por problemas de caráter religioso, ambiental, social, econômico e/ou político.

Diante da constatação do valor desse tema, visto como um mecanismo capaz de mostrar realidades e verdades típicas de cada região em análise, surgiu o interesse para discutir o assunto, a partir das obras literárias mencionadas anteriormente. É de fundamental importância destacar que Graciliano e Steinbeck, além de abordarem questões regionalistas em seus romances, apresentam situações de injustiça social bem semelhantes. Embora pertençam a países com realidades culturais distintas.

Vidas Secas conta a história da família de Fabiano que migra da região nordeste para o sul do Brasil em busca de uma melhoria de vida. Já a obra *As Vinhas da Ira* mostra a realidade da família Joad, agricultores do estado de Oklahoma, que migram para o estado da Califórnia, do mesmo modo, em busca de melhores condições de sobrevivência.

Vale salientar que essa não é apenas a história da família de Fabiano ou a dos Joad, mas a de todos os que viveram aquela situação de flagelo e que fizeram parte dessa realidade histórica ocorrida no Brasil e nos Estados Unidos. Em decorrência de fatores climáticos como a seca e outros de cunho social, político e

econômico, somado às consequências da grande depressão americana na década de 1930. Sendo o primeiro uma característica popular da região Nordeste do Brasil e o último está associado ao contexto estadunidense.

Esta monografia está dividida na seguinte estrutura: o primeiro capítulo faz uma abordagem da contextualização histórica da migração e sua relação com a literatura. O segundo capítulo expõe de uma forma mais abrangente o contexto do romance regionalista durante a década de 1930, período no qual estão inseridas as obras-objeto de análise deste trabalho. No terceiro capítulo é feita uma discussão dos papéis da seca e da depressão econômica americana, como um dos elementos motivadores da migração interna ocorrida tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Ao quarto e último capítulo, reservamos um estudo direcionado a analisar as representações de opressão social no processo migratório dos romances *Vidas Secas* e *As Vinhas da Ira*.

2 ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE A MIGRAÇÃO

Desde os primórdios, é possível perceber que o homem, em função de sua própria defesa, teve a necessidade de se organizar em grupos. Logo, Castro (1966, p. 60) discorrendo sobre o assunto complementa: “Em seguida a essa tendência de agrupar-se, os homens foram levados, a outra tendência – a de deslocar-se, ou mudar de paragens. Cedo na história da humanidade, o homem se pôs a emigrar”. Inicialmente, chegar a uma definição exata do termo migração não é algo tão fácil como muitos imaginam. Segundo Golgher (2004, p. 7), “a migração pode ser definida como uma mudança permanente do local de residência.” No entanto, essa mudança não é o suficiente para defini-la. Para Valim (1996), “o sentido de migração está em trocar de região, país, estado ou até mesmo domicílio¹.” Já o dicionário essencial da língua portuguesa de Sacconi (2001), menciona que, migrar significa: “Mudar de região num mesmo país ou de um país para outro.”

Nessa direção, é importante apontar alguns tipos de migrações para que haja uma melhor compreensão a respeito do assunto. Basicamente, a migração pode ser dividida em imigração e emigração. Exemplificamos essa questão, destacando a vinda dos japoneses para a região Sul do Brasil no período entre 1880 e 1930, estimulados pela expansão cafeeira. Logo, os japoneses se tornaram emigrantes no Japão (local de origem) e imigrantes no território brasileiro (local de destino).

As migrações também podem ser voluntárias e forçadas. Desde a época do descobrimento, muitos europeus se deslocaram espontaneamente para o Novo Mundo no intuito de explorar riquezas. Por outro lado, os negros africanos foram forçados a migrarem para uma nova terra com a função de mão-de-obra escrava. A respeito da migração Valim (1996) esclarece:

essa questão da migração envolve muita polêmica, que gira em torno das condições em que ocorrem esses processos migratórios: se de um modo livre, que assim está se exercendo este direito ou se de modo obrigatório, que tende a realizar interesses políticos e econômicos desumanos, visando sempre o capital, sendo algumas vezes nacional e outras estrangeiro,

¹ As citações de Valim (1996) ao longo do texto foram extraídas no sítio: <<http://intra.vila.com.br/sites/povolatino/paginas/1b/questao5/questao5b.htm>>.

marcando cada vez mais esse enorme abismo que existe entre o mundo da riqueza e o mundo da pobreza.

Uma outra distinção importante que deve ser feita concerne às migrações internas e às migrações internacionais. Talvez pela sua vasta extensão territorial associada ao fator econômico, o Brasil é um bom exemplo para ilustrar tanto as migrações internas como as externas. Observamos essa realidade ao atentar para o período que corresponde ao final do século XIX e início do século XX, como um momento de intenso fluxo migratório. A cidade de São Paulo, por exemplo, acolheu brasileiros de todas as regiões do país, especialmente os nordestinos que fugiam do flagelo da seca e dos aspectos sócio-econômicos vigente. Já em relação à migração internacional foi a época em que o governo brasileiro promoveu a vinda dos imigrantes europeus para substituir a mão-de-obra escrava negra após a abolição.

Voltando à idéia inicial do texto, observamos que quando uma região se tornava escassa de alimento era chegada a hora de procurar outro espaço que suprisse suas necessidades. Segundo Castro (1966, pp. 60-1):

todos os documentos etnográficos e históricos que vêm sendo descobertos através dos tempos testemunham como foram numerosas, em todas as épocas, as migrações humanas. (...) Em épocas remotíssimas, no paleolítico superior, que os etnólogos situam cronologicamente cerca de 25.000 anos atrás, já habitavam a mesma área geográfica povos vindos de diversos pontos da terra, como o testemunham os achados no mesmo local de fósseis humanos apresentando caracteres raciais diferentes.

Sem dúvida, a busca por alimento foi um dos principais motivos das primeiras migrações primitivas. As regiões com boas reservas de alimento se tornaram o destino preferido dessas populações, de modo que além de suprirem suas necessidades biológicas representavam a continuação da vida. No entanto, além da procura por alimentos, vários outros fatores impulsionaram as migrações ao longo do tempo. Observamos que a ocorrência dos processos migratórios foi sempre originada por questões naturais, religiosas, políticas e/ou sócio-econômicas. As variações climáticas tiveram certa relevância na ocorrência desse processo, visto que as regiões ao não apresentarem mais condições de sobrevivência, as migrações se tornaram uma atividade frequente e necessária. Para Castro (1966), mudanças climáticas em épocas muito antigas como o ressecamento da Ásia Central, do Norte e do Sul da África, originaram a formação dos grandes desertos de Gobi da Arábia, do Saara e do Kalahari. Tal evento tornou a região imprópria para a

vida humana. Logo, a população se sentiu forçada ou pressionada para deixar aquele espaço.

No contexto brasileiro, as secas ocorridas na região Nordeste aliada a fatores sócio-econômicos, também foi uma das causas propulsoras da migração. A população sem perspectiva de melhoria de vida se vê na obrigação de migrar para outra região do país em busca de trabalho e de melhores condições de sobrevivência. Desde muito tempo, a seca tem assolado o homem nordestino principalmente nos períodos de longas estiagens. No entanto, muito pouco ou quase nada tem sido feito pelo poder público na intenção de mudar a realidade desse povo que para realizar o sonho de um futuro melhor aventuram-se em terras desconhecidas.

As migrações foram também impulsionadas por questões religiosas e políticas. Castro (1966) exemplifica tal questão com a saída do povo hebreu do Egito; os deslocamentos das populações europeias durante a Idade Média, sob o nome de cruzadas; o abandono da Inglaterra pelos “Loyalists²”, que foram refugiar-se nos Estados Unidos e no Canadá; a andança dos Judeus; entre outras. Todos esses são exemplos de migrações dessas categorias. Os Judeus são uns dos povos que mais têm emigrado no mundo, situação essa quase sempre provocada por divergências religiosas que têm promovido em várias épocas a sua expulsão, por força de lei, de vários países. A ocorrência de tais processos forçou a população a habitar em outro espaço social.

Assim como os migrantes foram forçados a se deslocarem em alguns momentos, em outros, foram atraídos pelas oportunidades oferecidas em determinadas regiões. As riquezas naturais sempre foram causas de atração para as correntes migratórias. O ciclo da borracha na região amazônica, de 1860 a 1910, é um exemplo claro dessa realidade. As pessoas atraídas pela esperança de um futuro melhor migravam para essa região a fim de trabalhar na exploração do produto. A extração de ouro também foi uma das atividades que atraiu muita gente ao longo do tempo, inclusive para região de Minas Gerais. Além do Brasil, essa riqueza mineral também teve sua significância em outras áreas do planeta. Segundo

² Loyalists: pessoas conservadoras que permaneciam fiéis ao Reino da Grã-Bretanha e à monarquia britânica. Quando suas causas eram derrotadas, os legalistas fugiam para outras partes do Império Britânico.

Castro (1966, p. 63), “O oeste dos Estados Unidos se povoou sob essa mesma miragem do ouro”.

Em tempos mais recentes, a evolução econômica tornou-se a atividade que mais atrai pessoas para uma determinada região. Quando um espaço não oferece condições básicas para uma sobrevivência digna, a tendência é as pessoas migrarem em busca de um futuro melhor. O destino dessas populações são sempre as áreas que apresentam melhores desempenhos na economia, as chamadas áreas de atração, que por apresentarem oportunidades de trabalho e maiores possibilidades de crescimento econômico, acabam atraindo os migrantes, pelo fato de não terem as mesmas condições em suas regiões de origem.

Observamos que num passado mais próximo, as razões que vêm motivando os migrantes a se deslocarem no mundo inteiro são as ofertas de trabalho. Um dos motivos que vêm impulsionando o intenso deslocamento da população são as desigualdades sociais imputadas a cada região, durante seus respectivos processos de desenvolvimento. Daí surge a necessidade da população fugir de um ambiente castigado pelo atraso para outras regiões em pleno desenvolvimento e ampla oportunidade de trabalho. Fica aqui evidenciado que o fator econômico é o que motiva a migração de trabalhadores. De acordo com Santos *apud* Sposito; Bomtempo (2010, p. 61): “enquanto um lugar vem a ser condição de sua pobreza, outro lugar poderia, no mesmo momento histórico, facilitar o acesso aos bens e serviços que lhes são teoricamente devidos, mas que, de fato lhe faltam”.

No que diz respeito à migração, é possível afirmar que ela obedece sempre aos caminhos regidos pela economia, tendo em vista que a oferta de trabalho está sempre ligada à concentração de capital. Diante de tal situação o migrante percebe que na oportunidade de trabalho pode estar incluída a realização de um sonho, ou seja, a mudança de vida tão esperada por quem tanto sofre punição. Veja o que diz Goettert (2008, p. 30) a respeito: “Na migração de trabalhadores *migra* mais que o *homo economicus* de Adam Smith: migra a materialidade “grudada” na imaterialidade do ser, migra a mulher ou o homem por inteiro, mesmo que “dividido” pela própria fragmentação do mundo.” Essa transferência de região significa a esperança de que tudo a partir daquele momento vai ser diferente, porque o migrante quando deixa sua terra não se aventura sozinho, com ele vão-se os sonhos e as esperanças de progresso material.

Dentro desse enfoque migratório observa-se que deixar a região de origem não é uma tarefa fácil para o migrante, de modo que o sair implica na renúncia de uma série de padrões e costumes estabelecidos e no enfrentamento de uma nova realidade. Segundo Corsini (2006, pp. 533-4), “migrar supõe fazer escolhas, implica renunciar ao que já está constituído: o migrante lança-se numa aventura incerta, arriscada, imprevisível, para construir tudo outra vez, fazer o seu caminho ao caminhar”. Quando o emigrante torna-se imigrante passa a viver uma fase de construção e reconstrução dos valores apresentados diante da nova sociabilidade. Além do processo de adaptação o migrante vive um dilema entre sonhar ao sair de sua terra e materializar esse sonho ao alcançar seu destino, como mostra Corsini (2006, p. 534), “O migrante vive num “entre dois”, entre as ilusões, os sonhos (o desejo) e a realidade material, que terá de ser produzida e, como se diz coloquialmente “batalhada”.

O deslocamento da população entre regiões é fruto de uma insatisfação pessoal, consequência da falta de oportunidade que se configura no espaço social de origem. Portanto, a literatura logo passou a se preocupar com a questão da mobilidade humana a qual chamamos de migração. Cientes de que a literatura transita em torno da investigação do homem e suas relações com o mundo, vemos que a migração inserida na estética modernista torna-se um mecanismo de denúncia dentro da obra literária, de modo que, através dela, trajetórias de mobilidade humana são recriadas, manifestando por meio da linguagem realidades e verdades ocorridas no contexto social.

3 O REGIONALISMO NAS OBRAS DE GRACILIANO RAMOS E JOHN STEINBECK

3.1 O Romance de 30 no Brasil Modernista

O romance regionalista de 30 inaugura um novo ciclo de produção literária no Brasil. Com o surgimento do Modernismo na semana de arte moderna de 1922, os romancistas brasileiros propuseram uma nova forma de escrita, celebrando o rompimento com os moldes da arte tradicional. As inovações que originaram esse rompimento deram uma nova imagem à arte brasileira superando a mesmice cultuada até então. Eliminar o apego aos valores estrangeiros e criar uma visão nacionalista na intenção de criticar a realidade brasileira era a essência dessa nova forma de se fazer literatura. No entanto, é a partir da década de trinta que o romance passa a assumir uma nova estética ficcional atendendo a uma demanda voltada aos contrastes existentes na sociedade brasileira abarcando como discurso a questão social, política, econômica e cultural. Sobre este assunto, Alfredo Bosi (2006, p. 389), afirma o seguinte:

O modernismo e, num plano histórico mais geral, os abalos que sofreu a vida brasileira em torno de 1930 (a crise cafeeira, a Revolução, o acelerado declínio do Nordeste, as fendas nas estruturas locais) condicionaram novos estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela captação direta dos fatos, enfim por uma retomada do naturalismo, bastante funcional no plano da narração-documento que então prevaleceria.

A partir daí, inicia-se o que chamamos de romance regionalista ou romance de 30. Trata-se de um momento de mudança na escrita brasileira, em que os fatos eram descritos de maneira fiel à realidade e reinava a crítica social. O romance regionalista surgiu com o objetivo de divulgar as contradições e os conflitos existentes dentro da espacialidade brasileira, um país que já se mostrava moderno, urbano e industrializado, mas que ainda conservava traços arcaicos em sua diversidade regional. O Brasil nessa época não era composto unicamente por seus estados mais desenvolvidos ou industrializados. Havia regiões que ainda sofriam bastante com a falta de estrutura, principalmente a população do campo dominada por uma sociedade patriarcal em decadência. O contraste presente no cenário

nacional é o reflexo de um processo de desenvolvimento desordenado, centralizado apenas na região Sul.

Embora o movimento regionalista de 30 tenha sido fortemente criticado por alguns intelectuais que fizeram parte da semana de arte moderna, não podemos considerar tal movimento como irrelevante, visto que a partir de 1922 conduziu a escrita brasileira a uma nova tendência. Logo Alfredo Bosi (2006, p. 383), confirma essa idéia, ao afirmar que “há um estilo de pensar e de escrever anterior e um outro posterior a Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira. A poesia, a ficção, a crítica saíram inteiramente renovadas do Modernismo”.

Temos como marco inicial do romance de 30 a obra *A bagaceira* de José Américo de Almeida. Outros escritores importantes desse período são Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, Guimarães Rosa, José Lins do Rego, entre outros. Decanal (1986) explica que os artistas de 30 refletiram a inocência de uma sociedade colonizada e sem alma própria. Portanto, é em busca desta que eles partem como se fossem profetas de seu povo, procurando retratar uma realidade social ainda desconhecida nacionalmente. Esse também é um momento em que a literatura regional ganha espaço, passando a representar não exclusivamente uma região, mas ocupando um status de literatura nacional representando a vivência do seu povo, como afirma Albuquerque Jr. (2011, p. 123):

O final da década de vinte e, principalmente, a década de trinta marcaram a transformação da literatura regionalista em “literatura nacional”. A emergência da análise sociológica do homem brasileiro, como uma necessidade urgente, colocada pela formação discursiva nacional-popular, dá ao romance nordestino o estatuto de uma literatura preocupada com a nação e com seu povo, mestiço, pobre, inculto e primitivo em suas manifestações sociais. A literatura passa a ser vista como destinada a oferecer sentido às várias realidades do país; a desvendar a essência do Brasil real.

Na década de 30, Graciliano Ramos teve a oportunidade de se consagrar como um dos principais autores do movimento regionalista. Sua primeira obra *Caetés* (1933), narra a vida provinciana de Palmeiras dos Índios. *São Bernardo* (1934) surge como paradigma de romance psicológico e social. *Angústia* (1936) traz uma preocupação com o psicológico, e *Vidas Secas* (1938), uma obra que relata a diáspora do homem nordestino, hostilizado pela seca (durante os longos períodos de estiagem) e pela opressão social e política. Através da família de Fabiano, Ramos recompõe a trajetória da migração nordestina, evidenciando as dificuldades

encontradas por quem um dia percorreu esses caminhos. O modo de vida nessa região era desumano, apenas o nordestino era capaz de sobreviver em tais condições, onde tudo era seco, rústico e grosseiro, o homem assumia as características de um animal. Portanto, só assim era possível superar tanta imposição e tal esquecimento pelo poder público. Foram fatores desta ordem que impulsionaram os habitantes dessa região a sonhar com um futuro melhor em outra espacialidade representada na obra pelo sul do país.

A injustiça social é um tema de destaque na obra de Graciliano Ramos. Nas palavras de Bosi (2006, p. 404) a respeito, “*Vidas Secas* abre o leitor ao universo mental esgarçado e pobre de um homem, uma mulher, seus filhos e uma cachorra tangidos pela seca e pela opressão dos que podem mandar (...)”. Essa obra para Graciliano Ramos serviu como veiculação tanto da crítica social quanto da denúncia das condições sub-humanas de sobrevivência no Nordeste. Vale citar ainda Albuquerque Jr. (2011, p. 258) quando diz que: “Graciliano constrói, na própria textura da linguagem, uma imagem da região: minguada, áspera e seca. O Nordeste do parco, do pouco, da falta, do menos, do minguado, que ele quer ver conhecido e ferindo a consciência de todos no país”.

3.2 A Literatura Norte-americana na Década de 30

Na década de 30 os escritores modernistas americanos assumem uma nova forma de fazer literatura. Trata-se de um momento repleto de transformações sociais, em decorrência dos efeitos originados pela grande depressão econômica. Diante de uma sociedade intensamente afetada, vivendo as consequências catastróficas desencadeadas pelas divergências do capitalismo, surgiu um espaço de transição entre o fim do crescimento econômico no final da década de 20 e a frustração no início do decênio seguinte, dando espaço a uma nova sociabilidade. Surge, portanto, um estilo de expressão literária, totalmente engajado com as questões sociais ocupando-se em mostrar as misérias existenciais impostas ao homem moderno, como mostra Bradbury (1991). Agora o homem convive com o fechamento de fábricas, de bancos, a agricultura entrando em colapso, o parque industrial funcionando em 12 por cento de sua capacidade, milhões de

desempregados andando pelas ruas, e a pobreza e a dor espalhavam-se cada vez mais.

O realismo crítico foi uma estética literária adotada pelos escritores norte-americanos durante a década de 30, uma literatura que tinha o objetivo de criticar e expressar as novas preocupações sociais dentro da nova sociabilidade. Segundo Bradbury (1991, p. 111):

Muitos escritores jovens por certo voltaram-se para temas proletários, enveredaram pelos bolsões da pobreza e da degradação social, pela alienação dos guetos: eles buscavam o imediatismo e o engajamento, uma linguagem que atacasse e violentasse, um relato que fosse igualmente uma atitude; porém ao fazê-lo viram-se muitas vezes a braços com uma complexa busca de novas formas. (...) Os anos 30 começaram, para os romancistas, com um tema urgente – um mundo de filas de pão e de guetos, ira proletária, autoquestionamento burguês – que desafiava as idéias formais existentes.

John Steinbeck é um dos principais autores dentro desse movimento de crítica social na literatura dos EUA, preocupado com uma retratação determinista da condição humana. Seu primeiro romance publicado foi *Cup of Gold* (A taça de ouro) em 1929, um romance histórico inspirado na vida do corsário Sir Henry Morgan. No entanto, é na década seguinte que ele passa a se preocupar com os temas mais familiares e populares encontrados na vida que o cercava. Em 1939, veio a publicação do romance *As Vinhas da Ira*, um dos nossos objetos de análise. Discorrendo sobre *As Vinhas da Ira*, Bradbury afirma que tal obra trata de uma narrativa clássica da migração “Okie³” durante os anos da Depressão; da Bacia do Pó de Oklahoma para os vales da Califórnia. Uma obra que ganhou sustentação através de um mundo de desastres econômicos e naturais.

Através de *As Vinhas da Ira*, John Steinbeck faz uma abordagem dos problemas vividos pela população do campo nos anos 30. Expondo as precárias condições de sobrevivência marcada pela pobreza e pela privação de melhorias, ele mostra o flagelo de um país debilitado em consequência da Grande Depressão. Nessa perspectiva de crítica social, Steinbeck descreve o procedimento migratório vivido pela família Joad, que sai do estado de Oklahoma para a Califórnia à procura de trabalho. Portanto, ele confirma uma conjuntura de flagelo sucedido ao longo dessa trajetória. Comprova-se tal desventura dentro da obra, quando o camponês

³ Aqueles que habitam o estado de Oklahoma.

menciona: “Estamos na miséria. As crianças são sempre com fome. Não temos roupas, só farrapos” (STEINBECK, 2010, p. 41).

Ao longo da narrativa confirma-se uma trajetória marcada pela injustiça social, em que o homem não podendo mais habitar sua terra de origem, é obrigado a buscar a sobrevivência em outra região. A família Joad aventura-se numa viagem rumo à Califórnia tida como a terra da prosperidade e da oportunidade de trabalho. No entanto, o curso desse movimento migratório para os Joad é marcado por momentos de dificuldades e de perdas. E quando chegam à Califórnia se deparam com uma realidade de flagelo existente nos acampamentos dos trabalhadores.

3.3 Um Ponto de Encontro entre Literaturas

Assim como ocorreram mudanças na escrita dentro do contexto da literatura modernista brasileira no início da década de 1930, estas também ocorrem no cenário norte-americano. É nesse ponto de encontro que veiculamos a aproximação das duas realidades, observando que em ambas as mudanças sucederam em função da reestruturação sócio-econômica sofrida pela sociedade, sendo que cada uma apresenta uma realidade histórica distinta ou particular da outra. As causas não foram as mesmas, no entanto, os efeitos trilham caminhos semelhantes, visto que tanto John Steinbeck quanto Graciliano Ramos adotaram uma linguagem embebida de crítica social. Alfredo Bosi (2006) explica que durante a década de 30, os romances de Dos Passos, Hemingway, Caldwell, Faulkner e Steinbeck são exemplos de um realismo psicológico “bruto” como técnica. Em nota de rodapé o crítico acrescenta: “O caráter “bruto” ou “brutal” desse novo realismo do século XX corresponde ao plano dos *efeitos* que a sua prosa visa a produzir no leitor: é um romance que analisa, agride, protesta” (BOSI, 2006, p. 390). Na literatura brasileira verifica-se o mesmo na leitura das obras de Graciliano Ramos, Jorge Amado, Érico Veríssimo e Marques Rebelo.

Foi nesse contexto de crítica que se situou a expressão literária na década de trinta, tanto no Brasil quanto no âmbito nacional norte-americano. Ao observarmos que essas duas espacialidades passaram ao mesmo tempo por intensas mudanças dentro da organização estrutural da sociedade, explica-se o surgimento de uma nova estética literária com o intuito de tornar visível os efeitos desse período de transição. A respeito disso, Bradbury (1991, p. 119) esclarece o

seguinte: “Durante os anos 30, o realismo e o naturalismo pareciam os caminhos “naturais” para fazer o registro de uma sociedade passando por mudanças profundas”.

Tais realidades apresentadas em *Vidas Secas* e em *As Vinhas da Ira* permitem-nos perceber a impossibilidade de sobrevivência diante das condições oferecidas pelas regiões. Daí surge a necessidade dessas famílias migrarem para outras regiões em busca de uma melhoria de vida. Para Max Sorre *apud* Damiani (1991, p. 63), “o impulso migratório raramente é um fato simples; resume-se num acúmulo de necessidades, desejos, sofrimentos e esperanças.” De fato, é o que se observa nas duas obras: o deslocamento impulsionado pela falta de condições básicas de sobrevivência. Logo, por meio da migração surge a oportunidade de suprir as necessidades que assolam as suas estruturas físicas e psicológicas. Apesar de, tanto *Vidas Secas* quanto *As Vinhas da Ira* retratarem histórias em países diferentes, exploram uma temática semelhante ao destacar problemas tais como dificuldade financeira, fome, pobreza e miséria.

4 ASPECTOS MOTIVADORES DO FENÔMENO MIGRATÓRIO

4.1 A Seca como um Aspecto Motivador da Migração Nordestina

Voltando um pouco ao passado histórico da região nordeste do Brasil é possível concluir que a seca contribuiu na ocorrência da mobilidade populacional dessa região para outros espaços em busca de uma melhoria. Os períodos de estiagem prolongada acentuaram mais ainda a dificuldade de sobrevivência nessa região. Porém, a seca nunca foi o único determinante exclusivo do fenômeno migratório. Então, podemos dizer que as grandes secas aliada a outros conflitos, que serão discutidos mais adiante, contribuíram diretamente para a cadência da migração. Fischlowitz (1965, p. 45), discorrendo sobre esse problema, esclarece:

O ritmo da emigração nordestina acusa fortes oscilações para que, ao lado do impacto das secas – particularmente intensas em 1850, 1877, 1888, 1891, 1898 e 1900 – contribuíssem toda uma série de fatores econômicos relacionados tanto com a zona de *qua*⁴ como as *ad quas*⁵.

Além desses anos que ficaram marcados na memória dos brasileiros, podemos fazer referência a outros momentos que marcaram as intensas estiagens no Nordeste. A exemplo, o ano de 1915 que inclusive serviu de sustentação para a obra *O Quinze* de Raquel de Queirós e os intensos períodos de seca ocorridos na década de trinta, marcado por um grande surto de miséria social. A seca representa um problema de longa data para a região Nordeste, ganhando repercussão nacional apenas nos momentos de grande estiagem, devido ao impacto social causado por tal fenômeno. O curso desse problema tem efeito direto na renda do trabalhador sertanejo. Tal renda provém quase unicamente da criação de animais e ou da cultura de produtos agrícolas. Os problemas climáticos que assolam essa região afetam diretamente a atividade econômica, protagonizando uma escala de pobreza cada vez mais acentuada na vida do homem do campo.

A migração nordestina para outras regiões do país foi de grande valor para o enriquecimento da história da migração no Brasil. O curso dessa trajetória variou bastante ao longo do tempo em torno do eixo migratório. O deslocamento dos

⁴ Origem

⁵ Destino

nordestinos direcionou em alguns momentos para o norte e em outras épocas para o sul do Brasil. Segundo Fischlowitz (1965, p. 42):

Tanto a migração intra-regional como a emigração com destino às demais regiões do país existiram desde os primórdios históricos desta parte do Brasil, como uma das mais poderosas correntes de migração interior. A sua intensidade de orientação obedeciam sempre às forças motrizes que atuaram, por um lado, no meio nordestino (com particular destaque cabível às secas!) e, por outra parte, à atração e transformação, localizados – salvo o primeiro! – fora dessa região: ciclo açucareiro, pecuário, de ouro, de borracha, de café, e enfim, o surto industrial dos nossos dias.

É possível observar que tais atividades econômicas foram responsáveis pelo intenso deslocamento da população do Nordeste, que via em cada prática citada (salvo a primeira que ocorreu nessa região), a oportunidade de mudar de vida. Segundo Fischlowitz (1965, p. 43):

No período de 1869 a 1900, entraram nos Estados nortistas 18.000 nordestinos, atraídos pelo -Boom- de borracha. No período compreendido entre 1942 e 1945 deslocaram-se novamente para essa região numerosos contingentes de migrantes dessa proveniência, com o fim de fomentar a extração da borracha para suprir a dramática falta desse produto necessário para o esforço de guerra.

Em outros momentos, a migração nordestina tomou diferentes rumos, principalmente após o surgimento do crescimento industrial na região Sudeste. Os estados que mais absorveram essa população foram Rio de Janeiro e São Paulo, devido à grande oferta de emprego e à significativa concentração de capital. Esse indicador econômico explica o intenso fluxo migratório para essa região. Segundo Martins; Vanalli (2004, p. 43), “quando a sobrevivência dos habitantes de uma região é ameaçada, a tendência é procurarem outras regiões, principalmente aquelas onde há promessa de vida melhor”.

Diante disso, Fabiano, sua esposa Sinhá Vitória, o menino mais velho, o menino mais novo, a cachorra Baleia e o papagaio deixam o sertão nordestino em busca de uma região que lhe permitissem sobreviver com dignidade. A trajetória feita pelos retirantes é marcada por momentos de dificuldade e relutância. A caminhada em pleno verão debaixo de um sol ameaçador dificulta a retirada da família de Fabiano. O cansaço torna-se um companheiro diário como mostra Graciliano: “os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos” (RAMOS, 2010, p. 09). Outro fator que dificulta a viagem são as crianças

que por apresentar uma resistência inferior a dos pais eram vencidas pelo cansaço em alguns momentos como discorre o autor: “O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão. (...) Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde”, (RAMOS, 2010, pp. 9-10).

É pertinente observar a posição do vaqueiro quando menciona que precisa chegar, mas não sabe onde. Isso mostra claramente o modo de vida errante em que passou a viver essa família. Os retirantes nordestinos caminhavam sem rumo, não tinham um lugar específico a ser alcançado como mostra a citação anterior. O deslocamento dessa família é visto como o símbolo da fuga de pessoas maltratadas na busca pela sobrevivência. Segundo Fischlowitz (1965, p. 29) “a migração originada no Nordeste, longe de resultar dos supostos pendores nômades, é, de um modo preponderante, migração de miséria, de fome, de inanição.” Diante de tal situação, observa-se que o lugar procurado por eles seria um local onde pudessem matar a fome, serem vistos como gente, vencer os problemas que limitavam suas vidas dentro da sociedade.

Uma família castigada pela seca, vagando pelo sertão sem quase nada para se alimentar, vive momentos difíceis e tem que tomar atitudes da mesma magnitude. De fato, não é fácil habitar uma terra onde até mesmo o papagaio, companheiro de viagem, é aproveitado como alimento para vencer a fome, para dar continuidade à vida. “Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: à fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida”, (RAMOS, 2010, p.11).

Apesar de tantos problemas, o homem nordestino se enche de esperança ao ver uma possibilidade de melhoria. Observa-se isso no personagem Fabiano quando avista de longe uma fazenda no meio do nada e se alegra. É possível notar de imediato, que ele vê ali a possibilidade de encontrar água e comida para saciar sua fome e a de sua família. Nas palavras de Ramos visualizamos o que Fabiano encontra ao chegar lá:

Num cotovelo do caminho avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar. (...) O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. Certamente o gado se finara e os moradores tinham fugido. Fabiano procurou em vão perceber um toque de

chocalho. Avizinhou-se da casa, bateu, tentou forçar a porta. Encontrando resistência, penetrou num cercadinho cheio de plantas mortas, rodeou a tapera, alcançou o terreiro do fundo, viu um barreiro vazio, um bosque de catingueiras murchas, um pé de turco e o prolongamento da cerca do curral. Trepou-se no mourão do canto, examinou a catinga, onde avultavam as ossadas e o negrume dos urubus. Desceu, empurrou a porta da cozinha. Voltou desanimado, ficou um instante no copiar, fazendo tenção de hospedar ali a família, (RAMOS, 2010, pp. 12-3).

Diante das opressões vividas pelos retirantes, o sonho de um dia conseguir habitar em um espaço repleto de melhoria, onde pudessem viver com dignidade era tudo o que eles queriam. Fabiano é um homem simples, sem ambição de crescimento econômico, quer apenas alimentar sua família e lhe oferecer melhores condições de sobrevivência. Perante tanta opressão, tantos momentos de dificuldade, o homem sertanejo ainda encontra forças para superar tais problemas. A esperança de um futuro melhor o torna mais forte para encarar a realidade. Vejamos como Fabiano administra esse sentimento através de seus pensamentos:

la chover. Bem. A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animariam a solidão. Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, sinhá Vitória vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a catinga ficaria toda verde (RAMOS, 2010, p. 15).

Mesmo nos momentos de distração, o símbolo da seca como um fator ameaçador se faz presente na memória do retirante. Graciliano faz referência a esse ponto através da personagem Sinhá Vitória que até mesmo durante um momento de festa na cidade: “Pensou com um arrepio na seca, na viagem medonha que fizera em caminhos abrasados, vendo ossos e garranchos. Afastou a lembrança ruim, atentou naquelas belezas” (RAMOS, 2010, p. 80).

O homem que habita o sertão nordestino vive constantemente nesse clima de instabilidade, tendo em vista o breve período de chuva e das violentas secas que assolam periodicamente essa região. Quando os períodos de estiagem são muito prolongados, a miséria logo se espalha pela região, o gado morre, a terra torna-se ressecada, o homem não encontra mais trabalho nas fazendas e há apenas uma alternativa, ou seja, buscar a sobrevivência em outras regiões do país, principalmente nas industrializadas. Ramos expõe em *Vidas Secas* as dificuldades vividas pelos nordestinos na década de 30, em decorrência dos longos períodos de estiagem na região. Como naquela época a economia da região Sudeste crescia

significativamente sob os efeitos do crescimento industrial, explica-se o grande fluxo migratório do Nordeste em especial para o estado de São Paulo.

4.2 A Depressão de 1930 como Fator Desencadeador da Migração Americana

No decorrer da história econômica mundial, identificamos vários momentos de crise, principalmente quando fazemos referência ao episódio das duas grandes depressões. Ambas ocorreram em períodos totalmente distintos, no entanto, suas consequências foram sentidas praticamente no mundo todo. A primeira Grande Depressão ocorreu entre 1873 e 1896, com a quebra da bolsa de Viena, dando início a uma trajetória de momentos difíceis. Porém, a segunda Grande Depressão ocorrida entre 1929 e 1939 é que vai ser o alvo de nossa discussão. Segundo Coggiola (2009, pp. 149-50):

Durante a primeira guerra mundial, a economia norte-americana estava em pleno desenvolvimento. As indústrias dos EUA produziam e exportavam em grandes quantidades, principalmente para os países europeus. Após a guerra o quadro não mudou, pois os países europeus estavam voltados para a reconstrução das indústrias e cidades, necessitando manter suas importações, principalmente dos EUA. A situação começou a mudar no final da década de 1920. Reconstruídas, as nações européias diminuíram drasticamente a importação de produtos industrializados e agrícolas dos Estados Unidos. Com a diminuição das exportações para a Europa, as indústrias norte-americanas começaram a aumentar os estoques de produtos, pois já não conseguiam mais vender como antes. Grande parte dessas empresas possuía ações na Bolsa de Valores de Nova York, e milhões de norte-americanos tinham investido nestas ações, o chamado “capitalismo popular”.

A Grande Depressão econômica dos anos 30 teve início com a quebra da bolsa de valores de Nova York em 1929. Esse foi um momento de instabilidade econômica, quando houve um grande aumento na taxa de desemprego dos Estados Unidos, quedas acentuadas na produção industrial e praticamente em todo medidor de atividade econômica como afirma Coggiola (2009, p. 145):

A crise de 1929 foi, portanto, uma “crise anunciada”. Depois da Primeira Guerra Mundial, houve um aumento geral da demanda, que concluiu em 1920, quando os preços começaram a cair (...) 50% para o trigo, 40% para o algodão, 80% para o milho, nos EUA. A crise agrícola golpeava, sobretudo, pequenos e médios agricultores: a renda agrícola caiu de 16% para 9% da renda nacional. A migração para as cidades se acentuou (...) o marasmo agrícola foi, nos anos 20, um fator de desequilíbrio da *prosperity* americana.

A redução dos preços nos produtos agrícolas foi um golpe para a economia americana e para toda uma cadeia de pessoas que dependiam unicamente dessa atividade econômica, principalmente os agricultores. Devido ao declínio da exportação dos produtos agrícolas, a renda dessa atividade caiu significativamente no âmbito nacional causando interferência na próspera economia, e afetando diretamente a renda dos agricultores, já que seus produtos além de perderem preço perderam também mercado. O curso dessa trajetória teve início com os desentendimentos entre o regulamento da oferta e da demanda ao longo da década de vinte. Nesse sentido, Coggiola (2009, p. 148), comenta que:

As desigualdades haviam se aprofundado durante a década de 1920, o crescimento do mercado não acompanhara o ritmo da produção, criando uma acumulação de estoques que só poderiam ser comercializados mediante o recurso, cada vez mais intenso, ao financiamento do consumo. Os agricultores passaram a armazenar cereais. Para isso, tiveram que pedir empréstimos aos bancos, oferecendo suas terras como garantia.

Para manter suas culturas em atividade, os agricultores tiveram que recorrer aos bancos em busca de empréstimos. O agravamento da crise somado aos juros altos fez com que eles não conseguissem pagar suas dívidas e o banco aos poucos se apropriava das terras. Steinbeck evidencia essa questão na sua obra *As Vinhas da Ira*, através do personagem Tom Joad: “O pai pedira dinheiro emprestado ao banco e agora o banco queria as terras. A companhia das terras – que é o banco, quando ocupa essas terras – quer tratores, em vez de pequenas famílias, nas terras”, (STEINBECK, 2010, p. 188). A queda dos preços nos produtos agrícolas ocasionou a diminuição da renda financeira nacional e principalmente da população do campo, dando início a uma época difícil, a uma onda de empréstimos, acompanhada da perda da terra e conseqüentemente a uma trajetória de migração ocorrida nos Estados Unidos em decorrência da Grande Depressão econômica. Houve ainda, um outro fator decisivo para a ocorrência da migração americana. Com o crescimento industrial, as máquinas agrícolas diminuíram consideravelmente a oferta de emprego no campo, dificultando ainda mais a situação dos trabalhadores. Como mostra Coggiola (2009, p. 153): “em conseqüência da progressiva mecanização da indústria e da agricultura, o desemprego foi crescendo consideravelmente”.

John Steinbeck mostra, em *As Vinhas da Ira*, o fluxo migratório dos agricultores do estado de Oklahoma através da família Joad, e na sua escrita também é possível identificar os efeitos da tecnologia, ou melhor, a sua contribuição para a ocorrência desse movimento migratório. Com o advento tecnológico, a sociedade sofreu algumas mudanças. Até então, nunca vista principalmente nos indicadores que medem o vínculo empregatício. Steinbeck evidencia essa questão:

Um só homem, guiando um trator, podia tomar o lugar de 12 a 14 famílias inteiras. Pagava-se-lhes um salário e obtinha-se toda a colheita. Era o que iam fazer. Não gostavam de ter de fazê-lo, mas que remédio? Os monstros assim o exigiam. E não podiam se opor aos monstros (STEINBECK, 2010, p. 41).

A atividade agrícola nesse momento abria-se para o mercado comercial, passando a atender não mais a demanda rural, e obedecendo cada vez mais aos rumos direcionados pelo sistema capitalista. A produção em larga escala necessitava de mudanças no sistema de produção. Seria necessário investir em máquinas agrícolas, já que o uso de equipamentos de tração animal não teria condições de atender o excedente exigido pelo mercado. A chegada do trator deu início a um período de revolução agrícola, devido ao seu custo e dos equipamentos que necessitava ser atrelado a ele para desenvolver todas as atividades. Os altos investimentos em máquinas industriais não permitiam que pequenos produtores continuassem a desenvolver tal atividade. A plantação já não era mais uma prática para agricultores empobrecidos, devido aos investimentos elevados e ao monopólio dos grandes fazendeiros que se tornavam cada vez mais acentuados.

A pouca necessidade de mão-de-obra foi o ultimato para a corrente migratória do campo. A taxa de desemprego subiu significativamente nessa região e os representantes dos “monstros”, como são citados os bancos, passaram a expulsar as pessoas que habitavam nas suas terras, já que não seria mais necessário a força de trabalho daquelas famílias para desenvolver tal atividade, as máquinas eram suficientes. Tal situação pode ser observada na passagem abaixo:

- Vocês têm que ir embora daqui.
- Mas isso é nosso! – gritavam os meeiros. – Nós...
- Não, senhor, isso é do banco, é do monstro, do dono. Vocês tratem de ir embora. (...)
- Mas se a gente sair, pra onde pode ir? Como? A gente não tem dinheiro.
- Oh, sentimos muito – disseram os representantes. – O banco, dono de todas essas terras, 20 mil hectares de terra, não pode ser responsável.

Vocês estão numa terra que não é a terra de vocês, não lhes pertence. Talvez vocês consigam trabalho lá na fronteira, no outono, durante a colheita de algodão. Talvez consigam ajuda como indigente. Por que não vão para o Oeste, para a Califórnia? Lá há muito trabalho e nunca faz frio. Lá, basta estender a mão para colher uma laranja. Lá sempre há safras para colher. Por que não vão para lá? (STEINBECK, 2010, pp. 42-3).

A população americana do campo viu-se na obrigação de sair das terras e buscar outra fonte de sobrevivência. Desesperados com tal situação, os homens viram na migração a única possibilidade de sobrevivência em outra região. Quando a sobrevivência em determinada região é ameaçada, as pessoas empobrecidas procuram outras, principalmente aquelas que proporcionam melhores qualidades de vida. Portanto, o estado da Califórnia estava economicamente bem estruturado, as lucrativas plantações agrícolas davam suporte ao crescimento do comércio e a toda atividade econômica desenvolvida, devido à concentração de capital nessa região.

Foi na esperança de um futuro melhor que a população do campo do estado de Oklahoma começou a se deslocar para a Califórnia, acreditando na reestruturação econômica de suas famílias e cientes de que tal episódio já não seria mais possível naquele Estado. De fato, é impossível viver numa terra onde não se pode sonhar ou os sonhos nunca vão se realizar. A Califórnia, como a terra prometida, representava a mudança, ou melhor, o lugar onde se podia sonhar com uma futura melhoria de vida. Discorrendo sobre o assunto Sposito; Bomtempo (2010, p. 63) explica:

Consideramos como lugar dos sonhos possíveis – onde o capital se concentra e se centraliza num determinado período e lugares dos sonhos perdidos – onde sua concentração e a centralização ocorre de maneira menos acentuada. Esta conjuntura gera desigualdades econômicas entre os lugares e interfere diretamente no direcionamento dos fluxos migratórios (Grifos dos autores).

Steinbeck através de seus personagens discorre sobre o sonho de melhoria de vida dos migrantes na obra *As Vinhas da Ira*:

Mas eu gosto de pensar que talvez será bom pra gente lá na Califórnia. Nunca faz frio. E tem tantas frutas, em toda parte, e as pessoas moram em casas bonitas, em pequeninas casas brancas no meio de laranjeiras, Eu acho que se todos nós arranjasse trabalho e todos trabalhasse, a gente talvez podia comprar uma casinha assim (STEINBECK, 2010, pp. 111-2).

Percebemos também tal situação no seguinte trecho:

Imagine só a gente embaixo das sombras das árvores colhendo frutas e abocanhando uma de vez em quando! Diabo, para eles não tem importância que a gente coma algumas frutas, é tanta fartura! E com os bons ordenados pode-se até economizar e comprar um pedacinho de terra qualquer. É isso! Dentro de pouco tempo, um ano ou dois, a gente pode ter um bonito sitiozinho. (STEINBECK, 2010, p. 184.)

Observa-se que as famílias dos retirantes não têm outra opção senão a de se apegarem à esperança de um futuro melhor: só ela é capaz de mantê-los vivos. Enquanto, a esperança ocupava o lugar da angústia era sinal de que eles ainda estavam fortes o suficiente para lutar contra tamanhas adversidades. É nesse clima de indecisão que vivem aqueles que perdem sua moradia, tendo que buscar a sobrevivência em regiões favoráveis e ao mesmo tempo desconhecidas, obedecendo sempre aos rumos determinados pelo capital. As migrações, como se observa, acompanham também os caminhos regidos pela economia.

5 A OPRESSÃO SOCIAL NO MOVIMENTO MIGRATÓRIO EM VIDAS SECAS E AS VINHAS DA IRA

Tanto no contexto migratório de *Vidas Secas* como em *As Vinhas da Ira*, percebe-se a ocorrência de fatores sociais e políticos como um dos mecanismos desencadeadores da migração. Nas obras em análise, observa-se dentro da organização funcional da sociedade, realidades de opressão que imperam com naturalidade para quem pratica e vista de forma cruel e desumana por quem sofre os efeitos desta ação.

De fato, é possível identificar nos romances mencionados acima, a opressão social como um dos fatores que motivaram o processo migratório, tal feito ocorreu de forma desumana limitando o homem até mesmo de alimentar sua própria família com dignidade. Vale ressaltar que a consequência desses fatores recai principalmente sobre a população do campo nas duas obras:

(...) Consumidos os legumes, roídas as espigas de milho, recorria à gaveta do amo, cedia por preço baixo o produto das sortes. Resmungava, rezingava, numa aflição, tentando espichar os recursos minguados, engasgava-se, engolia em seco. Transigindo com outro, não seria roubado tão descaradamente. Mas receava ser expulso da fazenda. E rendia-se. (RAMOS, 2010, p. 93)

(...) Estamos na miséria. As crianças tão sempre com fome. Não temos roupas, só farrapos. Se toda a vizinhança também não fosse assim, a gente teria até vergonha de ir à missa.

Por fim, os donos das terras desembuchavam. O sistema de arrendamento não dava mais certo.

(...) - Mas se a gente sair, pra onde pode ir? Como? A gente não tem dinheiro. (STEINBECK, 2010, pp. 41-3)

Na primeira citação referente a *Vidas Secas* é possível identificar claramente a dificuldade vivida por Fabiano em relação à escassez de alimento, tendo sempre que recorrer ao patrão na falta deste, sendo explorado de maneira injusta devido aos altos custos cobrados. Isso é o reflexo da opressão social estabelecida por aqueles que detêm o poder. Já no trecho de *As Vinhas da Ira*, observamos as condições de miséria e o desespero em que vive a população do campo. Na verdade, a ocorrência desses processos migratórios trata-se da falta de políticas públicas voltada à melhoria das classes menos favorecida. As citações acima mostram perfeitamente a opressão social e o descaso político. Diante de um

sistema capitalista tão opressor vemos o homem vencido pela falta de poder econômico.

Discorrendo um pouco sobre o sistema capitalista é de fundamental importância entender sua função e seu poder dentro da organização social de qualquer região. A norma que rege o capitalismo é a busca desenfreada pelo lucro, capital gerando mais capital. Na presença de um sistema tão rigoroso, é possível observar que o lucro obtido por aqueles que possuem o poder econômico provém geralmente da exploração do ser humano, ou melhor, da sua força de trabalho. Numa sociedade regida pelo capital, evidentemente, os bens possuídos se tornam símbolos de poder para quem os possui. Portanto, usado por alguns para oprimir aqueles desprovidos deste recurso. E esses se tornam cada vez mais submissos, sem força para uma reação.

É nesse contexto de denúncia e insatisfação que Graciliano e Steinbeck situam suas obras, expondo através de seus personagens realidades de opressão política e social:

Fabiano recebia na partilha a quarta parte dos bezerros e a terça dos cabritos. Mas como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho, comia da feira, desfazia-se dos animais, não chegava a ferrar um bezerro ou assinar a orelha de um cabrito. (...) Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinham mais nada parra vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia (RAMOS, 2010, pp. 93-4).

Diante da citação, é possível perceber as situações de exploração em que viviam as famílias no sertão nordestino. O que elas ganhavam muito mal dava para sobreviver e ainda por cima, eram devidamente monopolizados pelos patrões. Em *Vidas Secas*, Fabiano nunca ficava com saldo positivo de acordo com os cálculos do patrão, isso comprova a situação de exploração vivida por ele, que mesmo trabalhando todos os dias sua renda era insuficiente, mal dava para se alimentar e assim como as outras pessoas, o sertanejo também tem necessidades semelhantes. Fazendo uma relação nesse mesmo contexto vejamos o que ocorre em *As vinhas da Ira*:

(...) Que mais? Batata?
 - É batata.
 - Dois quilos por 25 cents.
 A mãe olhou-o ameaçadoramente.
 - Mas agora chega, seu! Eu sei bem o preço da batata na cidade.
 O homenzinho comprimiu bruscamente os lábios.
 - Pois então, a senhora pode ir comprar na cidade.
 (...) – Ela ficou a olhar as mãos enrugadas e brilhantes. O homenzinho permaneceu calado. – De quem é esse armazém?
 - Dos Ranchos Hooper, Sociedade Anônima, dona.
 - Então são eles que fazem os preços?
 - São sim senhora (STEINBECK, 2010, pp. 480-1).

Perante tal situação, observamos que a mãe de Tom Joad vive uma situação semelhante enquanto trabalhava com a família num acampamento. Além de eles serem mal remunerados pelo serviço prestado, ela se depara com preços absurdos quando vai ao armazém fazer compras, sendo que esse pertencia ao acampamento, ou seja, tratava-se de uma exploração intencional, de uma ação planejada.

Em decorrência da má remuneração, os migrantes sentiam-se oprimidos e sem forças para esboçar uma reação, já que o capital era e ainda é dentro da nossa sociedade atual visto como o símbolo do poder do sistema capitalista. Quem tem o poder econômico determina as condições de trabalho, mesmo que seja, impondo práticas de exploração às classes desprovidas deste recurso, e essas sem opção acabam aceitando as imposições. Logo, percebemos que tais condições impostas, bloqueiam com antecipação qualquer melhoria de sobrevivência. Essas situações foram percebidas tanto por Graciliano como por Steinbeck, e trabalhadas dentro do processo migratório nas suas respectivas obras. Vejamos o que acontece com o personagem Fabiano em *Vidas Secas* ao sair do escritório do patrão:

Sentou-se numa calçada, tirou do bolso o dinheiro, examinou-o, procurando adivinhar quanto lhe tinham furtado. Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era. Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro. Que juro! O que havia era safadeza.
 - Ladroeira.
 (...) Nem lhe restava o direito de protestar. Baixava a crista. Se não baixasse, desocuparia a terra, largar-se-ia com a mulher, os filhos pequenos e os cacarecos. Para onde? Hem? Tinha para onde levar a mulher e os meninos? Tinha nada! (RAMOS, 2010, pp. 95-6).

Diante de um cenário social marcado por dificuldades e injustiças vivia o homem sertanejo vencido pelos obstáculos impostos pelas classes dominantes, sem poder reivindicar seus direitos, se lutasse por tal seria mandado embora, então

rendia-se aos desmandos do patrão. Em *As Vinhas Da Ira*, visualizamos bem essa situação de opressão social,

Quando surgia trabalho para um homem, dez homens disputavam-no, lutavam por eles aceitando ordenados miseráveis. Se aquele camarada trabalha por 30 cents, eu trabalho por 25.
Se ele trabalha por 25, eu trabalho por 20.
Não, eu... eu estou com fome. Trabalho até por 15. Trabalho até pela comida. Eu... eu trabalho até por um pedacinho de carne.
E isso causava satisfação; pois, apesar de os salários diminuírem, os preços dos gêneros mantinham-se altos. Os grandes proprietários estavam contentes e mandavam distribuir ainda mais impressos para atrair mais gente. E os salários baixavam e os preços mantinham-se altos (STEINBECK, 2010, pp. 358-9).

Steinbeck mostra o homem debilitado, assumindo patamares de flagelo, explorado de forma desumana pelos fazendeiros americanos. Quando surgia trabalho disputavam-no como um prêmio, porque esse trabalho representava acima de tudo, a sobrevivência de suas famílias, e vencida a competição quem trabalhasse por ordenados mais baixos, ou até mesmo pela comida. Vale ressaltar que foi através da exploração do homem do campo que veio a prosperidade lucrativa dos grandes fazendeiros americanos e eles perceberam.

O que seria a terra da prosperidade (a terra prometida) torna-se a terra da privação, onde os homens mendigam comida e disputam trabalho mesmo que aceitando ordenados absurdos. Tanto esforço para chegar à Califórnia, no entanto, ao atingir tal feito encontraram pobreza, fome, miséria social e escassez de trabalho. Diante da bruta realidade, a família Joad passa a perambular de um lugar a outro em busca de pequenos e escassos trabalhos, vivendo sempre a beira da miséria.

A opressão social ocorrida tanto no Brasil quanto no contexto norte-americano, privou as pessoas de ter uma sobrevivência digna de um ser humano. Sinhá Vitória em *Vidas Secas* faz referência mais de uma vez sobre a vontade de possuir uma cama, no entanto, tal desejo não é realizado devido à falta de condições financeiras. Em *As Vinhas Da Ira*, acontece uma situação semelhante com a mãe de Tom Joad, visto que ela também menciona várias vezes o desejo de possuir uma casa. Mas, esse sonho também não é concretizado pela falta de poder aquisitivo. Trata-se de romances distintos, no entanto, destacamos que o impedimento para realizar tal ventura é o mesmo, ou seja, a falta de condições financeiras, consequência da falta de oportunidade de trabalho e de ordenados mais justos.

Além da opressão social, ambos os autores também mostram a opressão política durante o processo migratório. Ramos evidencia, em sua obra, características de imposição presente na sociedade como, por exemplo, o abuso de autoridade do governo representado na pessoa do soldado amarelo e a extorsão da prefeitura no cobrador de impostos:

A autoridade rondou por ali um instante, desejosa de puxar questão. Não achando pretexto, avizinhou-se e plantou o salto da reiuna em cima da alpercata do vaqueiro.

– Isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente.

O outro continuou a pisar com força. Fabiano impacientou-se e xingou a mãe dele. Aí o amarelo apitou, e em poucos minutos o destacamento da cidade rodeava o jatobá.

- Toca pra frente, berrou o cabo.

Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu.

- Está certo, disse o cabo. Faça lombo, paisano.

Fabiano caiu de joelhos, repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere (RAMOS, 2010, p. 31).

Diante das situações apresentadas pelo autor, é possível perceber que a migração nordestina não ocorreu unicamente em decorrência da seca. Houve uma contribuição significativa dos problemas sociais e políticos na impulsão desse movimento. No entanto, vale ressaltar que o cenário de injustiça social não é algo específico apenas no período de publicação do romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, mas também uma realidade presente na sociedade atual. Observando a posição do estado através do soldado amarelo que ao invés de proteger o cidadão faz uso do poder para oprimi-lo, identificamos uma realidade social histórica em que os mais fortes sempre vencem os mais fracos.

O cobrador da prefeitura chegara com o recibo e atrapalhara-o. Fabiano fingira-se desentendido: não compreendia nada, era bruto. Como o outro lhe explicasse que, para vender o porco, devia pagar imposto, tentara convencê-lo de que ali não havia porco, havia quartos de porco, pedaços de carne. O agente se aborrecera, insultara-o, e Fabiano se encolhera. Bem, bem. Deus o livrasse de história com o governo. Julgava que podia dispor dos seus troços. Não entendia de imposto. (RAMOS, 2010, pp. 95-6).

Visto a atitude do governo municipal que mesmo ciente da dificuldade de sobrevivência naquela região, ainda assim, cobrava impostos quando um miserável quase morto de fome ia vender seu produto na cidade, compreendemos a situação

de enclausuramento em que vive o homem sertanejo mesmo gozando de sua liberdade.

Ramos ainda faz evidência em sua obra ao homem oprimido, sem forças para lutar contra o sistema em vigor. É possível comprovar essa fala quando o personagem Fabiano tem a oportunidade de vingar a humilhação praticada pelo soldado amarelo e não a faz, reconhecendo-o como uma autoridade do governo. É possível dizer que essa eventualidade, trata-se de uma tomada de decisão para mostrar que o sertanejo não tem forças o suficiente para vencer as imposições do estado. Vejamos a atitude do personagem Fabiano:

(...) Deteve-se percebendo rumor de garanchos, voltou-se e deu de cara com o soldado amarelo que, um ano antes, o levava à cadeia, onde ele aguentara uma surra e passara a noite. (...) A princípio o vaqueiro não compreendeu nada. Viu apenas que estava ali um inimigo. De repente notou que aquilo era um homem e, coisa mais grave, uma autoridade.
 (...) Afastou-se, inquieto. Vendo-o acanalhado e ordeiro, o soldado ganhou coragem, avançou, pisou firme, perguntou o caminho. E Fabiano tirou o chapéu de couro.
 - Governo é governo.
 Tirou o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo (RAMOS, 2010, pp. 102-7).

Habitar em um espaço repleto de problemas que impedem o homem de ter uma sobrevivência digna é normal que um dia ele queira mudar sua história de vida, e foi isso que aconteceu com a família de Fabiano cansada de tanto sofrimento. A necessidade de mudança surge em decorrência do sentimento de revolta contra tudo o que dificultava a permanência naquela terra. Graciliano Ramos mostra essa situação no personagem Fabiano:

Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele. Estava acostumado, tinha a casca muito grossa, mas às vezes se arreliaava. Não havia paciência que suportasse tanta coisa.
 (...) Safados. Tomar as coisas de um infeliz que não tinha onde cair morto! Não viam que isso não estava certo? Que iam ganhar com semelhante procedimento? Hem? Que iam ganhar?
 - An!
 Agora não criava porco e queria ver o tipo da prefeitura cobrar dele imposto e multa. Arrancavam-lhe a camisa do corpo e ainda por cima davam-lhe facão e cadeia (RAMOS, 2010, pp. 97-8).

A obra de Steinbeck também é marcada por questões de injustiça social e abuso de autoridade. Como já fora mencionado anteriormente, milhares de

trabalhadores americanos foram explorados pelos grandes fazendeiros, esses pagavam ordenados miseráveis e não permitiam que os trabalhadores lutassem por melhores salários. Quando eles batalhavam por essa melhoria eram severamente reprimidos pela polícia. Steinbeck mostra a opressão política no abuso de poder exercido pela polícia, sendo ela um órgão do governo e estando sempre à disposição para defender os interesses do estado. É possível comprovar isso na fala do personagem Casy, um homem mal visto por falar demais, quando este tenta convencer Tom Joad a organizar o pessoal para reivindicar melhorias, e são surpreendidos pela polícia:

- Lá estão eles! – É ele. Aquele patife ali na frente! É ele mesmo!
 - Escutem aqui – disse -, vocês não sabem o que estão fazendo. Tão ajudando a matar crianças de fome.
 - Cala a boca, seu vermelho⁶ filho-da-puta!
 Casy continuou:
 - Vocês não sabem o que estão fazendo.
 O homenzinho rechonchudo brandiu o cassetete. Casy, procurando esquivar-se, foi justamente apanhado no movimento. O pesado cassetete bateu-lhe com estrondo na têmpora, e ouviu-se o crac sinistro de ossos que se partem. (...) – O raio de luz de uma lanterna desceu, procurou e achou a cabeça esmagada de Casy (STEINBECK, 2010, pp. 495-6).

A injustiça social norte-americana não se diferencia muito da ocorrida no Brasil no que diz respeito à opressão social e política. Trata-se de um sistema inteiramente opressor que atende unicamente os interesses da classe dominante. Steinbeck apresenta o homem vencido pela opressão social e política e dá ênfase a esse momento na morte de Casy, um trabalhador que almejava apenas melhores condições de sobrevivência, lutava por melhores ordenados, e por isso foi assassinado pela polícia. De forma alguma podemos considerar as medidas policiais como uma tentativa de proteção das regiões ameaçadas, e sim como uma atitude de repressão totalmente voltada a preservar os interesses dos que podem mandar.

Em *As Vinhas da Ira*, durante toda a narrativa observamos uma realidade social em que os mais fortes oprimem os mais fracos, no entanto, no final do romance Steinbeck apresenta a necessidade de o homem transcender do egoísmo, do individualismo à solidariedade humana. Identificamos tal situação, na cena em que Rosa de Sharon após perder o próprio filho, amamenta um homem faminto, à beira da morte. Já que este a dias não se alimentava por falta de comida. Esta ação

⁶ Aquele que reivindica seus direitos.

pode ser lida como um símbolo de amor, de solidariedade, já que se trata de uma vida salvando outra.

Mesmo diante de tanta injustiça social, Steinbeck apresenta em *As Vinhas da Ira* a persistência de uma família que não desiste de lutar, que anseia melhores condições de sobrevivência, realidade essa que também se faz presente em *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. A esperança de uma melhoria de vida encontrada na família Joad é a mesma que ocorre na família de Fabiano.

Graciliano no intuito de criticar e tornar público a situação da região Nordeste, apresenta o homem com características semelhante a de um animal. Como se fosse uma forma de afirmar que só o homem inculto, bruto, sem consciência dos seus direitos enquanto cidadão, fosse capaz de habitar nesse espaço cheio de dificuldades e imposições. Reforçando essa idéia de animalidade, observamos no romance *Vidas Secas*, a forma como o autor apresenta os filhos de Fabiano, ambos sem nome caracterizados apenas como “menino mais velho” e “menino mais novo”, enquanto a cachorra “Baleia” aparece mais humanizada do que eles, já que essa tem nome. Segundo Albuquerque Jr. (2011, p. 258),

O estilo de concisão verbal, que marca a obra de Graciliano, visa tornar a própria forma da linguagem um meio de expressar a penúria, a miséria nordestina. Pobreza até de palavras, que seria compensada por excessos gestuais e mímicos, aproximando ainda mais o homem nordestino da animalidade, do simiesco.

É tanto que em *Vidas Secas*, há um momento, em que Fabiano questiona sua própria identidade. Vejamos a fala do personagem:

- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. (...) Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

- Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades (RAMOS, 2010, pp. 18-9).

Observamos outra característica que Graciliano imputa ao nordestino, apresentando-o como um ser silenciado. Logo, é possível perceber que a falta de expressão verbal está inteiramente ligada à falta de capital e consequentemente de poder. Aquele que detêm o poder econômico, atua nessa região fazendo uso da fala

para mandar ou para oprimir. Já os desprovidos de recurso financeiro atuam obedecendo e fazendo o que lhe é ordenado. Por isso, o direito de se expressar não lhe é assegurado, visto que sua função é obedecer e não mandar. Deste modo, a fala torna-se um recurso reservado aqueles que possuem poder.

A descrição desse homem como um ser silenciado, apresentada por Graciliano, faz alusão à imposição em que vivia submetido o homem do campo. Dessa forma, o silêncio torna-se uma marca da opressão social. Segundo Albuquerque Jr. (2011, p. 257), “Instrumentalizar a fala se torna instrumentalizar os meios de libertação.” Deste modo, adquirir a competência da fala é ao mesmo tempo para o sertanejo um meio de se livrar do enclausuramento social ao qual está submetido. De fato, isso se observa em *Vidas Secas*. A decisão de deixar o sertão nordestino surge de uma conversa entre Fabiano e Sinhá Vitória, é a partir desse momento que eles buscam uma nova realidade para suas vidas.

Diante de tanta imposição, o nordestino encontra na migração uma possibilidade de melhoria de vida, já que o modo de sobrevivência atual é marcado por limitações financeiras, condicionada pelos honorários miseráveis pago pelo patrão. Deste modo, é impossível pensar num futuro melhor habitando uma terra marcada pelos altos índices de injustiça social. Portanto, Fabiano e sua família aventuram-se numa trajetória repleta de dificuldades levando consigo a esperança de um futuro melhor:

(...) Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a catinga onde havia montes baixos, cascalho, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo. Não voltariam nunca mais, resistiriam à saudade que ataca os sertanejos na mata (RAMOS, 2010, p. 123).

lam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. (...) E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias (RAMOS, 2010, pp. 127-8).

Não devemos deixar de tecer algumas reflexões sobre os títulos das obras em questão. O título *Vidas Secas*, já traz em si o peso de algo negativo, e ao mesmo tempo, permite nos fazer uma relação com as secas que ocorrem na região Nordeste, já que esta obra relata a história de uma família nordestina. Vale ressaltar que as secas contribuem para a ocorrência de uma situação de pobreza, fome e miséria na vida do homem sertanejo. Na leitura do romance *Vidas Secas*, há um momento em que fica claro essa idéia de negatividade atribuída ao título: “Tudo seco

em redor. E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru” (RAMOS, 2010, p. 24). A citação permite-nos perceber a dura realidade encontrada na região, um solo seco impróprio para o plantio, somado a escassez de água e alimento. Além disso, o sertanejo recebe ordenados miseráveis pelo seu trabalho, e quando o patrão vem a fazenda é só para reclamar, achar tudo ruim, gritar sem precisão, apenas para humilhar. “Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade mostrar que era dono” (RAMOS, 2010, p. 23). A figura do patrão como uma pessoa seca, aborrecida e sem afeição com o empregado ajuda a enriquecer o título *Vidas Secas*.

O título *As Vinhas da Ira*, por sua vez, também alude a algo negativo, a um sentimento de raiva, de revolta. Comprovamos tal feito, através da leitura do próprio romance quando fica evidenciada a relação do título com a situação de miséria, opressão e ira em que viveu a população do campo no estado da Califórnia. Uma região que concentrava grande produção de frutas, onde eram cultivados enormes campos de vinhas, em meio a grande variedade havia uvas vermelhas, pretas, verdes, rosadas, purpúreas e amarelas. Entretanto, chegada a época da colheita, os fazendeiros mandavam destruir grande parte da produção de frutas, no intuito de manter os preços altos. Enquanto isso, um milhão de pessoas famintas perambulavam nessa região mendigando comida. Não importava se as pessoas iam morrer de fome, o que interessava aos produtores eram os preços altos. “É isso o mais triste, o mais amargo de tudo. Carradas de laranjas são atiradas ao chão. (...) E homens com mangueiras derramam querosene sobre as laranjas. (...) Nos olhos dos homens reflete-se o fracasso. Nos olhos dos esfaimados cresce a ira” (STEINBECK, 2010, pp. 445-6).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por finalidade analisar, através de uma pesquisa bibliográfica, a opressão social no movimento migratório dos romances *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e *As Vinhas da Ira* do escritor norte-americano John Steinbeck. Buscamos nessa análise aproximações e ou contraposições referente à injustiça social nas respectivas obras.

Observamos no movimento migratório os vários motivos que impulsionaram essa prática ao longo do tempo. Toda migração implica numa necessidade, num interesse ou numa insatisfação. Percebemos tal feito, após tomar conhecimento dos motivos que propagaram esse processo. Em *Vidas Secas* e *As Vinhas da Ira*, a migração ocorreu em função da necessidade de uma sobrevivência mais digna, haja vista que o local de origem não oferecia mais condições de proporcionar nenhuma melhoria aquelas famílias, porque a injustiça social reinava e oprimia principalmente aqueles desprovidos de recurso econômico e conseqüentemente de poder em ambas espacialidades.

Sem dúvida, além do flagelo da seca, outros fatores motivaram a migração nordestina. No entanto, não podemos deixar de destacar sua intensa contribuição na ocorrência desse processo. Os longos períodos de estiagem dificultavam significativamente a vida do homem do campo, tendo em vista que sua renda provia unicamente da criação de animais e da plantação de produtos agrícolas. Tentando fazer um elo entre *Vidas Secas* e *As Vinhas da Ira*, procuramos ligar o fenômeno da seca ao fator da depressão americana, já que este também contribuiu expressivamente para desencadear a migração americana. Os efeitos da depressão ao provocar uma onda de miséria no cenário nacional atingiu principalmente a população do campo, já que estes não tinham mercado para vender sua produção, então, vemos tal feito, como um fator decisivo para o fluxo migratório norte-americano.

A literatura na década de 30 tanto no Brasil quanto no contexto norte-americano surgiu como uma nova estética literária preocupada em denunciar as injustiças acontecidas na sociedade. Foi nesse contexto que veio a consagração de Graciliano Ramos como um dos escritores mais importantes do movimento regionalista de 30. Sua obra *Vidas Secas*, objeto de pesquisa deste trabalho

apresenta uma linguagem embebida de crítica social. O mesmo se observa em *As Vinhas da Ira* de John Steinbeck, considerado também um dos principais autores desse movimento de crítica social pela literatura nos Estados Unidos.

Foram vários os motivos que permitiram contrastar as duas obras, principalmente no que se refere a pontos semelhantes encontrados nos dois ambientes, visto que ambas retratam a questão da migração interna, a busca de um futuro melhor, a atitude de relutância dos personagens diante de tanta miséria e o sofrimento familiar como consequência da situação de opressão social e política que reinava com petulância no movimento migratório, tanto no contexto de *Vidas Secas* como em *As Vinhas Da Ira*.

Ao final desta pesquisa, esperamos suscitar em outros acadêmicos a curiosidade de desenvolver trabalhos com temáticas relacionadas. Desse modo, acreditamos ter contribuído para os estudos da literatura comparada.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 46ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRADBURY, Malcolm. **O Romance Americano Moderno**. Tradução: Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

CASTRO, Josué de. **Ensaio de geografia humana**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.

COGGIOLA, Osvaldo. **As Grandes Depressões (1837-1896 e 1929-1939): fundamentos econômicos, consequências geopolíticas e lições para o presente**. São Paulo: Alameda, 2009.

CORSINI, Leonora. Migrações e êxodo constituinte. In: FERREIRA, Ademir Pacelli... [et al.]. **A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

DAMIANI, Amélia Luisa. **População e geografia**. São Paulo: Contexto, 1991.

DECANAL, José Hildebrando. **O Romance de 30**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

FISCHLOWITZ, Estanislau. **Principais problemas da migração nordestina**. Brasília: MEC, 1965.

GOETTERT, Jones Dari. Paradoxos do lugar mundo: brasileiros e identidades. In: SPOSITO, Eliseu Savério; BOMTEMPO, Denise Cristina; SOUSA, Adriano Amaro de

(Org.). **Geografia e migração: movimentos, territórios e territorialidades**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

GOLGHER, André Braz. **Fundamentos da migração**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2004.

MARTINS, Dora; VANALLI, Sônia. **Migrantes**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA, Dijaci David de. Migração e trajetórias: a saga de João de Santo Cristo. In: OLIVEIRA, Dijaci David de... [et al.]. **50 anos depois: relações raciais e grupos socialmente segregados**. Brasília: Movimento Nacional de Direitos Humanos, 1999.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 114ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SACONNI, Luiz Antônio. **Dicionário essencial da língua portuguesa**. São Paulo: Atual, 2001.

SPOSITO, Eliseu Savério; BOMTEMPO, Denise Cristina. Lugar, sonhos e migração: uma leitura dos movimentos migratórios entre Japão e Brasil. In: SPOSITO, Eliseu Savério; BOMTEMPO, Denise Cristina; SOUSA, Adriano Amaro de (Org.). **Geografia e migração: movimentos, territórios e territorialidades**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

STEINBECK, John. **As Vinhas da Ira**. Tradução: Herbert Caro e Ernesto Vinhaes. 2ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

THORP, Willard. **Literatura americana no século XX**. Tradução: Luzia Machado da Costa. São Paulo: Lidador, 1965.

VALIM, Ana. **Migrações: Da perda da terra a exclusão social**. São Paulo: Atual, 1996. Disponível em: <<http://intra.vila.com.br/sites/povolatino/paginas/1b/questao5/questao5b.htm>>. Acessado em: 03/05/2011.